

# CINEMA "LIVRE" PARA MENORES

## IMPORTÂNCIA DO FILME "LIVRE"

O primeiro filme "de enredo" teria sido uma comédia para crianças, **L'Arroseur Arrosé** (O Regador Regado), 1895, de Lumière. A afirmativa é de G. C. Prodella ("I Film Per Ragazzi"; in "Venezia", 1950), para quem o cinema adequado ao pequeno espectador é tão antigo quanto o próprio cinematógrafo. Não vai nesta asserção qualquer tentativa de limitar ao primitivo — ou ao ingênuo a adequação do filme para menores. Nos primeiros tempos, quando tudo estava por inventar, quando os cineastas viam o simples movimento — como algo maravilhoso — uma experiência a partilhar sob forma de espetáculo — havia no "olhar" da câmara um sentido de descoberta comparável à curiosidade exacerbada da criança frente a uma tela de projeção. Nessa época o mero registro de um trem em movimento (como **L'Arrivée d'un Train à la Gare de la Ciotat**) conseguia provocar manifestação de espanto na platéia. O mundo das imagens em movimento ainda era terra virgem; os métodos de produção, artesanais; a idéia de uma indústria cinematográfica não passava pela cabeça de ninguém. Nestas circunstâncias, um ilusionista de teatro, George Méliès, conseguiu tornar-se a personalidade nº 1 e abrir para o cinematógrafo o caminho da criação artística. Começava a viagem através do impossível.

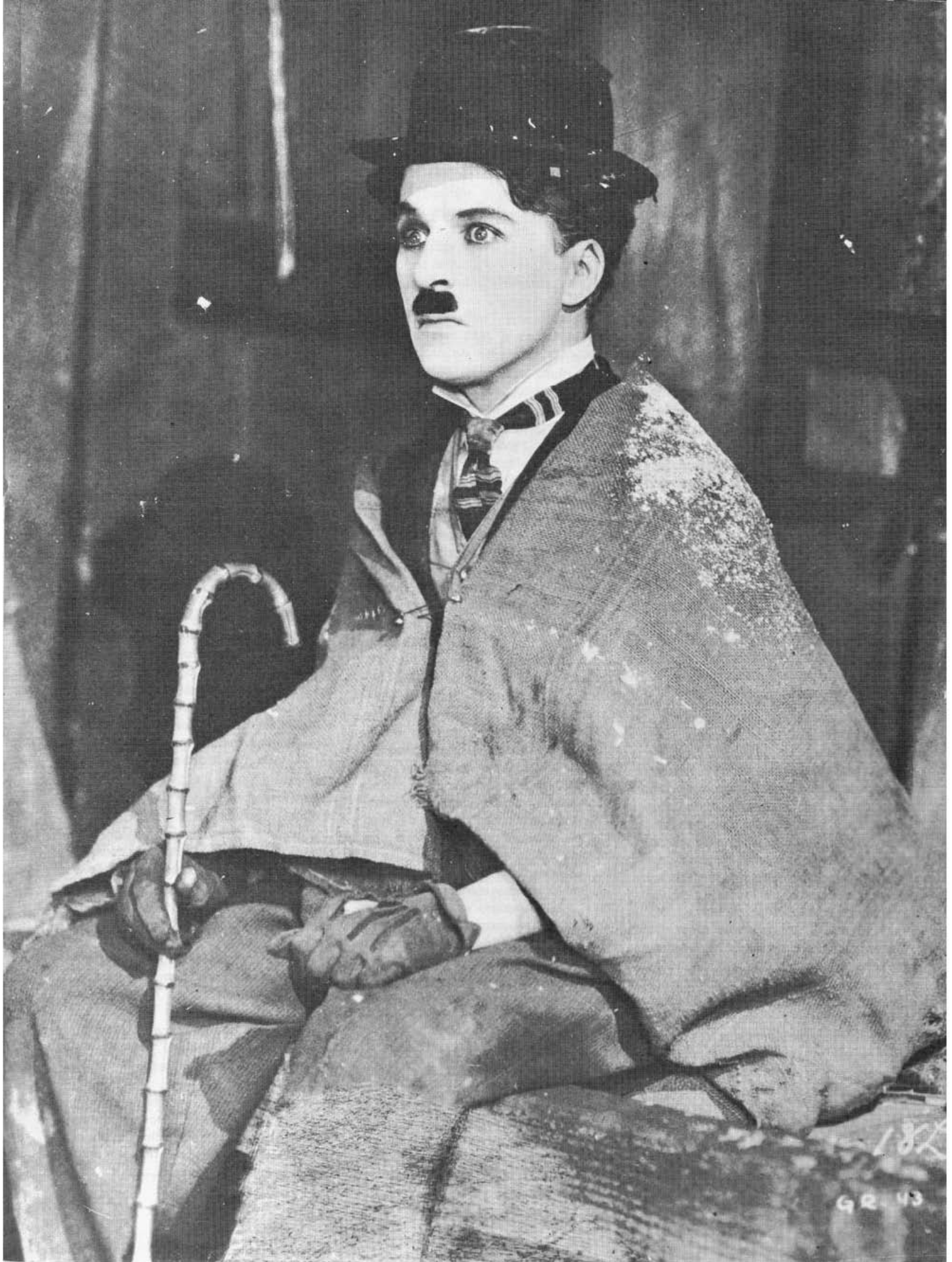
**Voyage à Travers l'Impossible** (Viagem Através do Impossível), 1904, foi — sintomaticamente — um dos maiores êxitos de Méliès. Muitos outros títulos do autor — como **Le Petit Chaperon Rouge** (O Chapeuzinho Vermelho), de 1901, **Le Voyages de Gulliver** (As Viagens de Gulliver), **Robinson Crusoé** e **Voyage Dans la Lune** (Viagem à Lua), de 1902, contam a história desta grande descoberta. Ainda que de forma tosca, e com muitos elementos narrativos originários do teatro, os filmes de Méliès indicavam que o cinema seria a prodigiosa nave capaz de transpor as fronteiras dos mundos paralelos à nossa aventura cotidiana.

Quando o cinema se aproxima da maioria, na segunda década do século, seu espírito jovem se manifesta sobretudo através do poder contestador do riso. As correrias da "fase infantil" se fazem mais endiabradas, mas também mais pensadas, criticando com uma comunicabilidade universal o indivíduo e a sociedade. É a escola de Mack Sennett, onde despontaram comediantes como Charles Chaplin e Harry Langdon, além de futuros cineastas, como Frank Capra e George Stevens. Nada era sagrado nos domínios de Sennett, ator obcecado pela idéia de criar o personagem de um "policiaL cômico" (idéia então descabida que ele viria a concretizar com os famosos Keystone Cops) e que se afirmou sobretudo como produtor e diretor. O espírito de improvisação e criação coletiva que aplicava aos seus filmes fazia de cada espetáculo uma explosão de prazer lúdico.

O talento e a liberdade que, somados, tornaram esses pandemônios prodigiosas sessões de criatividade jovem, seriam fatalmente inibidos com as crescentes exigências da industrialização, decretada em definitivo com o advento do som. A pureza da comédia e de outras manifestações de um mundo lírico e generoso, apto a interessar com resultados positivos as faixas de menor idade, prossegue no cinema sonoro — mais limitada pela sofisticação da indústria — quando, no dizer de Salviano Cavalcânti de Paiva (artigo neste número), no cinema americano, "todos faziam filmes para todos".

Com a proliferação dos receptores de TV e o afrouxamento das limitações de censura, a necessidade de concorrer com a televisão e o advento da sociedade permissiva empurram a produção cinematográfica para linhas temáticas antes impraticáveis e o filme se torna um instrumento de diálogo entre adultos. De repente, especialmente nos países com critérios de censura mais rigorosos, os programas para menores se rarefazem, o filme "livre" para todas as

ELY AZEREDO



idades se torna um elefante branco. A televisão, apesar de sua influência perniciososa e de controle difícil no consumo doméstico, passou a cativar cada vez mais a crescente massa de público barrada nas bilheterias pelo famoso "proibido até 18 anos".

No discurso de abertura do I Congresso da Indústria Cinematográfica Brasileira, o Sr. Carlos Guimarães de Matos Júnior frisou que "a concorrência mais grave", e que atua tanto contra o produtor brasileiro como contra o estrangeiro, "encontra-se fora do mercado exibidor: o grande problema, hoje, é saber como o cinema (...) resistirá ao avanço, cada dia mais acentuado, de seu atual grande inimigo: a televisão". Ao conquistar a cor e (o que não tardará muito) torná-lo acessível a todas as faixas populacionais de poder aquisitivo mediano, a TV terá alcançado mais uma área que até poucos anos atrás era privativa do cinema. Com a cor e o livre acesso, os programas de televisão dedicados ao público de menor idade estarão cativando — quase sem oportunidade de reação por parte de seu concorrente — aquelas faixas etárias que constituiriam, nos anos seguintes, o público com mais alto índice de frequência às salas exibidoras.

O número de filmes brasileiros de longa-metragem voltados especialmente para o pequeno espectador é exíguo. Sem entrar na análise da qualidade de cada um, podem ser citados: **Pluft, o Fantasma**, de Romain Lesage, baseado em Maria Clara Machado, **O Saci**, de Rodolfo Nanni, baseado em Monteiro Lobato, e **Sinfonia Amazônica**, de Anélio Latini, o primeiro desenho nacional em longa-metragem — ambos de 1953; **A Dança das Bruxas**, de Francisco Dreux, e **Marcelo Zona Sul**, de Xavier de Oliveira — de 1970; **Aventuras Com Tio Maneco**, de Flávio Migliaccio e **As Quatro Chaves Mágicas**, de Alberto Salvá — de 1971. A produção de comédias popularescas ou chanchadas, eventualmente inócuas (embora com maior frequência produzindo uma deformação de gosto), não chega a contribuir para o equacionamento em profundidade do problema, uma vez que tais filmes se dirigem a todas as faixas etárias e não têm a preocupação de abrir caminhos para um cinema recomendável aos menores. O equivalente da chanchada cinematográfica pode ser encontrado (infelizmente)

nos programas ditos "humorísticos" da televisão.

Estranha-se por que os produtores de **Aventuras Com Tio Maneco**, apesar das inúmeras semanas de permanência do filme em cartaz nos grandes centros exibidores, não tenham partido imediatamente para uma segunda experiência no gênero. A resposta é simples: esse tipo de filme tem um público certo nas vesperais, quase não movimenta as bilheterias nas sessões noturnas, e constitui um programa "de estação", cuja programação só é fácil nos períodos de férias. O reembolso do capital, portanto, é muito mais lento do que ocorre com a produção "normal". Daí um dos itens da proposição que apresentamos no I Congresso da Indústria Cinematográfica: "filmes livres considerados de boa qualidade e recomendáveis ao público infantil poderão cumprir a lei no mesmo cinema, após passado um ano de exibição". A mesma proposição sugere prêmio percentual extraordinário para esse tipo de produção, além de prêmios especiais a diretores, autores de histórias e roteiristas que se empenham em sua realização.

Ainda sobre o reembolso lento do filme desse tipo, convém lembrar as palavras do crítico Alberto Shatovsky ("enquete" neste número de FILME CULTURA), que refletem preocupação idêntica às dos estudiosos que em todo o mundo estudam o problema da viabilidade da produção "especializada": "Acho que o Governo deve financiar os bons projetos de filmes para crianças e deve encontrar um meio de garantir ao produtor uma possibilidade de 'giro' de cinco anos, porque a bilheteria desses filmes depende das épocas de férias escolares, e eles voltam nos anos seguintes". Acrescentaríamos: e esses filmes, a cada retorno anual, encontram uma platéia renovada e ampliada pela nova afluência de crianças que chegam à idade de frequentar cinemas.

Ao oferecer estímulos especiais à produção de filmes recomendáveis às crianças e aos adolescentes, os órgãos responsáveis pela política cinematográfica estarão "investindo" no "futuro do cinema", uma vez que, assim como estes filmes realizados com especiais cuidados, poderão contribuir para elevar o nível de exigência do espectador, todos os filmes "livres" — por extensão — são fatores de incentivo à frequência e, assim, de fortalecimento do mercado.

Uma das iniciativas pioneiras no terreno do filme para crianças foi o cineclubes Cendrillon criado por Sonlka Bo, em Paris, 1933, para espectadores na faixa de 6 a 12 anos. Nessa época, as reservas quanto à conveniência de presença de menores de seis anos nos cinemas eram grandes. Muito tempo depois, na década de 50, a Children's Film Foundation, Estados Unidos, se opunha à presença de menores de oito anos nas salas exibidoras, abrindo exceção apenas para projeções de filmes especialmente produzidos para esta faixa etária. Hoje, com a intimidade cotidiana que as crianças têm com os espetáculos visuais via TV, desde a mais tenra idade, aquelas reservas perderam força.

Quanto ao problema de repertório, a saída encontrada em países de economia cinematográfica estatal — produção a cargo de estúdios ou grupos produtores especializados — não é solução satisfatória para os outros países. Apesar de todas as dificuldades, porém, em vários países de economia cinematográfica não-estatal é freqüente a produção de filmes especialmente dedicados a crianças e adolescentes (para cinema e televisão) que, lamentavelmente, não chegam ao mercado brasileiro.

A média da opinião dos estudiosos da produção cinematográfica conduz à certeza de que, sem estímulos especiais do Poder Público, a produção por particulares e a difusão do filme concebido especialmente para o pequeno espectador — com observância do respeito à capacidade de percepção do menor e do conveniente estímulo ao pensamento criativo — não teria futuro.

A partir de subsídios provenientes dos países de cinema não-estatal, considera-se como soluções básicas as seguintes:

— estímulos de caráter financeiro à produção de filmes recomendáveis aos menores;

— promoção de projeções especiais desse tipo de filmes, complementarmente aos lançamentos de iniciativa dos circuitos exibidores;

— criação de filmotecas de produções para a criança ou a juventude, vinculadas ou não a filmotecas oficiais já existentes;

— constituição de comissões de educadores, psicólogos e de conhecedores da linguagem cinematográfica, a fim de serem determinados os filmes "recomendáveis" para menores.



# CINEMA "LIVRE" PARA MENORES

## ENQUETE

1. A liberação de filmes "permitidos para menores" (crianças e adolescentes) não implica necessariamente em reconhecer sejam eles recomendáveis para a firmação dos espectadores das correspondentes faixas etárias, uma vez que o objetivo da indústria cinematográfica é oferecer produtos aptos a conquistar grandes massas de público. Existiria alguma forma de encaminhar os jovens aos filmes mais adequados à sua sensibilidade?
2. O cinema brasileiro tem produzido filmes que visam suprir a demanda de filmes para a infância. O que acha dessas produções?
3. Os desenhos animados de longa metragem e os filmes com atores da produção Walt Disney e similares fazem muito sucesso na faixa infanto-juvenil. Acha que eles oferecem o que se deve exigir dos filmes destinados a esse público?
4. Tem-se discutido muito a violência usada nos desenhos animados, especialmente na série Tom e Jerry. Esta violência seria nociva ao espectador de menor idade ou serviria de válvula de escape para impulsos de agressividade?
5. É difícil para os pais evitar que as manifestações de violência, registradas através dos meios de comunicação de massa cheguem à criança e ao adolescente. Seria realmente desejável evitar esse contato? Ou ele seria aconselhável a fim de evitar futuros traumas?
6. Existiram muitas opções ao cinema para a infância além dos filmes educativos e dos baseados em contos de fadas e bichos falantes?
7. A oposição entre o Bem e o Mal deve ser claramente especificada nos filmes para menores ou é mais aconselhável deixar uma certa margem de investigação à inteligência do pequeno espectador?
8. De um modo geral, a linguagem cinematográfica empregada nos filmes para crianças não difere radicalmente da que se utiliza nas produções que se dirigem ao público adulto. Como encara esse fato?

## WALMIR AYALA

Poeta, escritor, autor de histórias para crianças, crítico de arte do "Jornal do Brasil" (GB)

1 — Como "encaminhar os jovens para filmes mais adequados à sua sensibilidade", se o jovem tem à sua disposição os canais de TV com os filmes mais agressivos e violentos, com os programas mais vulgares e deseducativos, a qualquer hora, sem qualquer controle ou assistência? A didática de vulgaridade e agressão da TV supera qualquer campanha da indústria cinematográfica em favor da educação, embora me pareça que a boa educação doméstica da criança, no plano de critérios de valor, seja o mais importante para a filtragem natural do indivíduo diante do que lhe é dado consumir. Essa educação, parece-me, começa no berço. Acho que deveríamos substituir a censura pela instrução. O indivíduo sadicamente instruído seleciona os dados construtivos necessários para a resolução de sua vida. Enquanto não atingirmos esse estágio, que me parece remoto, temos de censurar inteligentemente (talvez dosar equilibradamente) o que as nossas crianças recebem diariamente na bandeja da comunicação.

2 — O cinema brasileiro é paupérrimo em programação para a infância e a juventude. Quanto aos filmes de Walt Disney e similares, se despertam interesse é porque têm conteúdo de comunicação. Tenho, pessoalmente, memórias de beleza e emoção, ligadas a esses filmes, na minha infância. O ideal seria que fizessemos filmes dinâmicos, mágicos, poéticos, com nossas lendas, nossas ficções, nossos personagens, nossos desenhistas. Isso se estende à literatura e ao teatro infantil. Sobretudo é preciso conter os psicólogos e professores que estão tentando dirigir a arte para as crianças por um caminho didático profundamente chato e contra-producente. A didática da beleza e a didática da vida prática devem correr paralelas. Suas projeções é que devem somar-se para um possível amadurecimento psicológico. Afinal, de todas as armas de construção do ser humano, a mais poderosa é, sem dúvida alguma, a do amor.

3 — Respondido acima.

4 — Já falei da violência. As de Tom & Jerry e de Walt Disney são iluminadas pelo humor ou pela magia. São falsas violências, e a criança percebe logo a piada. Há uma luta de vontades moven-



Aventuras Com Tio Maneco, de Flávio Migliaccio

do as histórias, mas não creio que possam impressionar negativamente o espectador infantil. Também acho que a criança é natural e inocentemente agressiva. Não se deve nem reprimir isso. Deve-se transformar, ao preço de alguns tabefes recebidos, o gesto de agressão em carícia. Por outro lado, eu, que tenho um afilhado de dois anos ao qual me dedico com empenho paterno, não lhe dou de presente nenhuma arma de brinquedo. Quero que ele tenha sempre na lembrança, quando crescer, que seu padrinho não lhe deu uma arma nem de brinquedo. Que essa arma de brinquedo representa uma arma mortal. E que alguém, em sua vida, sem didática nenhuma, sem preleção moral, evitou de colocar em sua mão essa imagem da destruição. Estou certo de que essa memória será uma lição indelével. Há pedagogos que defendem teses diferentes, mas esta é a minha tese pessoal e eu acredito nela.

5 — Respondido antes.

6 — (N. R. — Sem resposta).

7 — A oposição entre o Bem e o Mal deve ser desenvolvida com clareza e sem demagogia. Deve ser sutilmente conduzida para a aceitação e desejo da vitória do Bem. Melhor seria que o Mal sofresse sempre um processo de transformação para o Bem. Que o Mal potencialmente fosse o Bem, e assumisse essa fatalidade. Também os castigos mortais devem ser evitados: jamais a pena de morte, mesmo numa história infantil. Jamais um castigo de morte. Não acredito que seja nessa fase o momento de propor o entendimento da morte. Melhor será sempre destacar o gosto e o privilégio da vida, de cada um e de seus semelhantes.

8 — Quanto à linguagem para o adulto e para a criança, é um ponto grave e nem sempre solucionado. A metáfora infantil é absolutamente livre, despreconceituosa. A poesia deve vir sublinhada pelo riso. As histórias, em sua essência, podem ser as mesmas dos adultos. O idioma de comunicação é que tem de ser outro. E não pode ser o mesmo para uma criança de 5 anos e para uma de 10 anos. O criador de fábulas para crianças deve ter acompanhado muito a vida das crianças. Deve buscar inspiração nos seus jogos, na sua corrida para o descobrimento da vida. A linguagem que a criança entende é aquela que a cada momento descobre as coisas, inventa o mundo, seja ele um ninho de saci ou a vereda de um submarino amarelo. O colorido de quem produz para crianças deve ser feérico; feérico vem de fada. Deve ser alegre e feliz. Misterioso e surpreendente. Quem anda na "fossa" ou é perseguido pela "fossa" não deve jamais pensar em escrever para crianças. Só se for capaz de inventar, nesse gênero, um amor insuspeitado pela vida.

## ROGÉRIO NUNES

Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

1 — A meu ver, a primeira pergunta está mal elaborada, porque está se contradizendo. Os filmes "permitidos", isto é, liberados para menores, logicamente são recomendáveis à formação moral e intelectual dos mesmos, em vista da legislação censória vigente. O que está errado é a mentalidade de alguns produtores e o objetivo da indústria cine-

matográfica, principalmente, a brasileira, em pensar somente em "conquistar grandes massas de público", sem atentar para o valor educativo, elucidativo e informativo de suas obras. A única forma de encaminhar os jovens aos filmes mais adequados à sua sensibilidade é de se fazer um levantamento de suas necessidades psicossociais, dentro de nossa realidade, e passar a produzir películas que satisfaçam esses anseios, procurando despertar-lhes paralelamente os bons sentimentos, as tendências artísticas, a curiosidade científica, o patriotismo, o amor à família e o respeito às instituições.

2 — O cinema brasileiro, que ainda luta para conquistar o mercado nacional, somente há pouco tempo passou a se interessar em produzir películas para a infância. Infelizmente, são poucas as produções dirigidas a esse tipo de público; mesmo assim, algumas deixam muito a desejar, por sua falta de comunicabilidade, autenticidade e incoerência do tema. Até o momento, dois filmes merecem destaque nesse setor — **A Moreninha e Independência ou Morte**, uma vez que conseguem transmitir algum valor educativo ao espírito infanto-juvenil.

3 — Os desenhos animados e filmes de Walt Disney, até certo ponto, oferecem ao público infanto-juvenil a satisfação e o estímulo de suas necessidades, principalmente, no campo do entretenimento e no da fantasia. Geralmente, essas películas, além de serem educativas, conseguem transmitir conceitos e mensagens válidos, positivos e informativos, predominantemente, no campo da moral, dever, família, natureza e até mesmo da violência (o Bem sempre supera o Mal).

4 — A meu ver, a violência apresentada na série Tom & Jerry não é nociva ao espectador infantil, pois seu objetivo principal é motivar a criança a defender os mais fracos e a repelir a desonestidade. No entanto, há produções, mormente desenhos, que são de uma agressividade a toda prova e que, além de nada transmitirem de positivo ou educativo, e de despertar a atenção do menor para um realismo brutal e deturpado, estimulam o potencial de violência inato ao ser humano, criando no espírito imaturo, ainda em formação, deturpações de ordem psicológica. A nocividade maior ou menor da violência está ligada a vários fatores psicossociais advindos do meio ambiente em que o menor é criado.

5 — Evitar nunca, pois não se deve criar ou educar uma criança alheia ao que se passa em seu meio ambiente, e, infelizmente, a violência faz parte da vida de uma sociedade. O que se deve modificar é a forma como essa violência é apresentada, muitas vezes deturpando ou confundindo valores morais, pelos meios de comunicação de massas, enquadrando-a na capacidade de compreensão dos componentes de cada faixa etária.

6 — Sim, se os produtores atentarem para o caráter histórico, didático e aqueles que possam, de alguma forma, contribuir para o desenvolvimento intelectual, cultural e cívico dos menores, cujos exemplos são vastos em nossa História.

7 — A oposição entre o Bem e o Mal deve ser claramente especificada em películas para menores, com o fim de familiarizá-los com o certo e o errado. Somente mais tarde — a partir dos 12 anos — é que será aconselhável lhes deixar uma margem de investigação e interpretação dos fatos apresentados.

8 — Realmente isso é uma falha. Para corrigir essa situação deveriam ser convocados grupos de psicólogos, pedagogos e educadores que estão em melhores condições de orientar os produtores cinematográficos.

## HÉLIO NASCIMENTO

### Crítico de cinema do "Jornal do Comércio" (Porto Alegre)

1 — Penso que a única maneira das crianças e jovens serem encaminhados aos filmes mais adequados é haver, por parte de pais e professores, um conhecimento daquilo que é realmente importante para os novos espectadores de cinema. Já vi campanhas colegiais promovendo alguns filmes, mas não me consta que uma obra como **Chitty Chitty Bang Bang** (O Calhambeque Mágico), de Ken Hughes, também não foi alvo do interesse de colégios e professores. E, recentemente, **Peau d'Âne** (Pele de Asno), de Jacques Demy, também não foi alvo do interesse de colégios e professores. E, no entanto, também era um saudável exemplo de filme infantil, ao promover junto ao espectador do futuro os valores da imaginação e da fantasia. Portanto, parece-me que o encaminhamento dos jovens ao bom cinema está diretamente relacionado com o que a sociedade entende por isso. Depende de fatores amplos e praticamente ilimitados.

2 — Não vi os filmes em questão, restando acrescentar que em Porto Alegre ainda não foi exibido **As Quatro Chaves Mágicas** (João e Maria na Floresta Encantada), de Alberto Salvá.

3 — Os filmes de Disney, inócuos e ingênuos, representam junto à faixa infanto-juvenil o papel que outro tipo de cinema exerce para o público adulto: estão repletos de fórmulas escapistas e pouco ou nada esclarecem sobre a vida e o mundo atual.

4 — Acreditar que a violência nos desenhos animados possa ser nociva ao espectador de pouca idade é concordar com todas as censuras do mundo, que utilizam tal argumento para cortar e proibir filmes para adultos. É levar para o terreno do filme infantil uma idéia

falsa sobre a origem da violência que já fez muito mal ao cinema. Os impulsos de agressividade não têm origem no cinema, como se sabe, mas na própria natureza humana, que já era violenta muito antes dos irmãos Lumière terem nascido. Quanto à catarse, se ela não for exercida através do cinema, existem outras artes e atividades.

5 — Respondo afirmativamente à última pergunta deste item. Para que esconder e como esconder uma violência que não está apenas nos cinemas, como também nas primeiras páginas de jornais, na televisão e nos noticiários radiofônicos? Não parece correto transmitir a uma criança uma idéia falsa do que seja o mundo de hoje.

6 — O filme de aventura, naturalmente. Se diretores como Ford e Hawks souberam falar sobre o humano em filmes de ação, um filme infantil do gênero poderia muito bem deixar alguma lição, dependendo de quem for o responsável por ele.

7 — É muito perigoso o maniqueísmo numa arte infantil, pois talvez esteja aí uma das raízes de futuros extremismos. Penso que à criança, antes de mais nada, devam ser ministradas noções de tolerância para com o ser humano. O mal deve ser mostrado como um efeito de determinada causa ou então estaremos criando a mística do demônio e coisa do gênero. Acredito que a melhor maneira de educar uma criança é colocá-la no caminho que leva às origens dos fenômenos e não ao ódio contra o "homem mau", como se este fosse uma entidade criada ou surgida do nada.

8 — Cinema é sempre cinema. Se uma criança aprende o mesmo alfabeto dos pais, não parece correto pedir um cinema diferente para ela, em termos formais.

## IVAN LAMOUNIER

### Distribuidor, exibidor, produtor, representante dos distribuidores no Conselho Consultivo do INC, Diretor da Condor Filmes

1 — Na realidade, o fato de que o filme "X" tenha a chancela de "permitido para menores" não implica que tal filme seja do agrado dos menores em geral, muito embora a Censura Federal determine as diversas faixas de impropriedade (5, 10, 14, 16), procurando encaminhar os jovens aos filmes mais adequados à sua sensibilidade. Assim sendo, um filme como **Independência ou Morte** poderá agradar ao jovem de 14 anos e não a um outro de 10 anos. Quero crer que dentro desse esquema o único filme que agrada aos jovens das diversas faixas é o desenho animado tipo Tom & Jerry. Portanto, da mesma maneira que para os adultos existe a preferência, também para os jovens, principalmente os de hoje, é muito difícil encontrar alguma forma de enca-

## ENQUETE

minhá-los aos filmes mais adequados ao seu gosto.

2 — Não. O cinema brasileiro, como também o cinema estrangeiro em geral, não produzem filmes suficientes para a infância, posto que esse gênero, de um modo geral, não produz benefícios econômicos compensadores para os seus realizadores. É evidente que toda regra tem uma exceção e, no caso específico, encontramos quase todos os filmes produzidos por Walt Disney.

3 — De um modo geral, acredito que tanto os desenhos animados de longa-metragem como os filmes com atores da produção Walt Disney fazem sucesso na faixa infanto-juvenil e oferecem o que se deve exigir dos filmes destinados a esse público. Principalmente, volto a frisar, em se tratando da produção de Walt Disney.

4 — É sabido que o cão é inimigo do gato que, por sua vez, é inimigo do rato. Na série Tom & Jerry o realizador procura mostrar em termos cômicos a guerra que na realidade existe entre o gato Tom e o rato Jerry. E note-se que pela maneira como é apresentada a figura do rato, todos nós gostaríamos de ter um como mascote. Acredito que a violência em termos cômicos e na situação de inimigos normais, como no caso específico apresentado, não gera na criança qualquer sintoma de impulso de agressividade.

5 — Vamos colocar o problema da seguinte maneira: a) deixar ou não deixar a criança assistir à televisão; b) deixar ou não deixar a criança ler revistas e jornais; c) deixar ou não a criança ir ao cinema. Em grau decrescente, esses são os meios de comunicação de massa que registram a violência, sendo que o terceiro é o de mais fácil fiscalização. Portanto, a violência existe e é mostrada diariamente, e evitar esse contato com a criança e o adolescente é totalmente impossível. Assim, o mais aconselhável é orientar a criança e o adolescente na vida moderna que hoje atravessamos. Se os meios de comunicação existem, se até criaram a Faculdade de Comunicações, por que alijar a criança e o adolescente da realidade?

6 — Não muitas para as crianças, assim como não muitas para os adultos. À exceção dos desenhos animados, contos de fada e bichos falantes, nada mais interessa à criança até uma faixa de cinco anos. Após, podemos colocar o filme educativo, desde que seja habilmente realizado, de preferência como desenho animado. Hoje em dia, a partir dos 10 anos de idade, o interesse da criança e do adulto é igual.

7 — Sou fundamentalmente favorável a que a mensagem positiva num filme — ou seja, a vitória do Bem sobre o Mal, do justo sobre o injusto, do corajoso sobre o covarde, etc. — deva ficar sempre patenteada, não só para a criança como para o adolescente e, por que não dizer, também para os adultos. Do contrário, iria por terra a própria razão da vida. Acredito seja o certo mostrar claramente ao menor a oposição entre o Bem e o Mal.

8 — Na verdade, nem poderia ser de outra maneira, pois, normalmente a linguagem cinematográfica não somente é universal, como serve para todas as faixas de idade. Seria o caso de perguntar: fazem-se filmes para octogenários e nonagenários? A percepção de cada um depende do grau de sua inteligência e maturidade. É necessário dizer que a televisão, concorrente, dos mais fortes, do cinema, contribui de uma maneira espetacular para a rápida compreensão das crianças ante os filmes considerados para adultos.

### PEDRO AMÉRICO CORRÊA NETTO

Psicólogo, integrante da Assessoria de Recursos Humanos do Ministério do Planejamento

1 — O principal meio de encaminhar os jovens aos filmes mais adequados é, a meu ver, o quantitativo. Claro que uma campanha de esclarecimento aos pais é importante para a escolha do filme. Mas seria necessária uma oferta semanal de espetáculos de bom nível, sem o que a seleção ficará muito difícil.

2 — Pequena quantidade. Tenho notícia de um filme de Francisco Dreux, a **A Dança das Bruxas**, que não foi bem acolhido pela crítica e foi pouco divul-

gado. Também sei que foi realizado um filme sobre a história de "Pluft, o Fantasminha". Para crianças, são bons filmes. Não tenho conhecimentos de filmes adequados ao adolescente, na produção nacional.

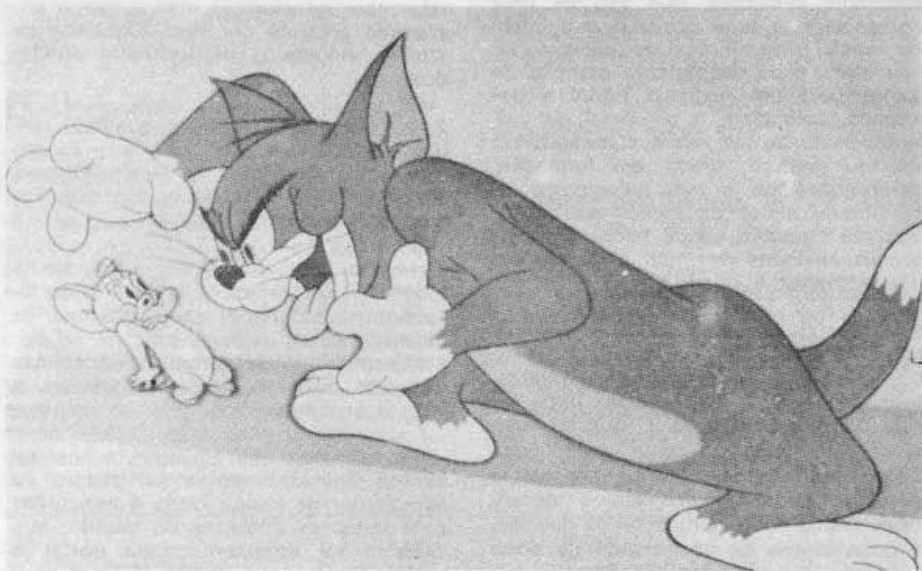
3 — Apenas parcialmente. Os filmes de Disney em longa-metragem, com atores, abordam temas da infância e adolescência de uma cultura diferente. As emoções ali retratadas diferem das emoções típicas da criança brasileira em muitos pontos. Os desenhos animados e os filmes sobre a vida selvagem (animais) são mais universais e mais adequados.

4 — Ressentimo-nos ainda de um estudo crítico e pesquisas suficientes a esse respeito. Em minha opinião a violência é mais nociva do que "válvula de escape". Mas nos desenhos de Tom & Jerry há muito afeto latente entre o gato e o rato, e eles afinal nunca se separam.

5 — Seria. Os pais deveriam filtrar, sem negar a realidade, o excesso de violência comunicada em massa. Eles próprios deveriam explicar aos filhos o que se passa, como é o mundo, falando francamente. Não devem se mostrar desligados. Devem ser os intermediários, não deixar os filhos entregues à comunicação de massa.

6 — Monteiro Lobato, Francisco Marins, a sra. Leandro Dupré são uma fonte farta e saudável de histórias infantis adaptáveis ao cinema. Creio que os filmes, se bem feitos, seriam sucesso. Esses autores tratam de aventuras de crianças em contato com a natureza (recuperação do amor ecológico) e com as aventuras (restituição da fantasia infantil).

7 — Deixar uma certa margem de investigação, mas não muito grande. A criança tem necessidade de separar o Bem e o Mal, mas precisa de outras soluções quando isso se tornar difícil.



Tom & Jerry

8 — Os cineastas lêem pouco os bons escritores infantis. Não há nada mais fácil do que escrever um roteiro sobre uma história de Andersen, Lobato, Francisco Marins. Pode haver algumas dificuldades técnicas de filmagem, mas são superáveis.

## PADRE GUIDO LOGGER

### Ensaista, professor de cinema

1 — Censura não quer dizer escolher o melhor, mas julgar do que é conveniente ou não para determinadas faixas etárias. Não vejo como tenha alguém a obrigação de fazer qualquer coisa que seja para a formação das crianças e dos adolescentes, a não ser os responsáveis imediatos que são os pais e os mestres. Não devemos esquecer que o cinema é antes de tudo, e por 99%, indústria e comércio, que visa divertir e descontrair o espectador de qualquer idade — finalidade louvável e nada desprezível neste mundo de tensões, obrigações, angústias e chateações. Quanto à segunda parte da pergunta, a sensibilidade é diferente em cada um. Qual é a norma global? Impossível estabelecer. E qual a sensibilidade aqui visada? A humana ou a cinematográfica? Ambas podem e devem ser educadas. Aliás, devemos encerrar essas preocupações com relação ao cinema sempre dentro da linha da educação geral e nunca separada desta.

2 — Não vi nenhum.

3 — Nada devemos exigir de tais filmes, além do que eu disse acima. Divertir e descontrair. Não gosto de Walt Disney porque não deixa o animal no seu próprio caráter, mas lhe atribui o caráter e o comportamento de gente grande. A série de filmes sobre a Natureza dá uma infinidade de informações aproveitáveis para cada um.

4 — Sempre ouvi dizer pelos entendidos na psique infantil que "certa" violência não faz mal a ninguém. Serve como válvula de escape. Acho que uma linha áurea de conduta é sempre: nunca violência demais e nunca exclusivamente filmes com violência.

5 — A primeira parte é uma constatação verdadeira. A segunda parte já respondi com a nº 4.

6 — Não gosto da palavra "educativo" quando se quer dizer "informativo". A obra de arte só é capaz de educar se o recipiente é sensível à arte. Filmes de enredo normal, não muito intrincado, podem ser perfeitamente assimilados pelas crianças, as quais tiram daí suas conclusões conforme a educação que têm e suas experiências.

7 — Deus nos livre dos filmes moralizantes. Aliás, de tudo que seja moralizante e de todos os moralizadores. Desmoraliza àquele que faz a coisa moralizante e a gente que vê ou escuta



A Dança das Bruxas, de Francisco Dreux

aquela coisa. É muito melhor deixar uma certa margem de investigação à inteligência do pequeno espectador. Educa mais para a maturidade. Caindo e se levantando, a gente aprende a andar.

8 — Se a linguagem cinematográfica é realmente a mesma (e não pode ser outra), depende muito da clareza da história, se a criança compreende ou não o que vê. Certo é que não devemos subestimar a capacidade de compreensão das crianças. Existem amostras dessa capacidade com as pessoas que lidam com crianças no campo cinematográfico (ver e ouvir o pessoal da CINEDUC).

## HIRAM JACQUES FERREIRA

Professor, autor de livros didáticos, Diretor do Colégio Acadêmico (GB)

1 — Não há jeito de encaminhá-los. Os jovens por si sós, procuram os filmes que lhes falam à sensibilidade. E não esqueçamos do fascínio exercido sobre eles pelos "filmes impróprios", que têm o sabor do fruto proibido e lhes dão a impressão de serem mais velhos, já que conseguem vê-los de algum modo. A solução é produzir filmes capazes, ao mesmo tempo, de interessá-los e educá-los.

2 — Essas produções infelizmente são em número reduzido. A verdade, porém, é que filmes realmente bons, pela simplicidade, clareza e calor humano, divertem igualmente crianças, adolescentes e adultos. Com isso queremos acentuar a vantagem de misturar crianças e adultos, na apreciação de um bom filme, simples, caridoso, cheio de sonhos

e com o lado bom na vida. Quando reunidas, as crianças humanizam os adultos, que, por sua vez, procuram entregar-lhes vivências positivas. Reiterando essa opinião do agrado universal, citamos "O Pequeno Príncipe", de Saint Exupéry, leitura que prende toda a gente, e a produção teatral de Aderbal Freire, escrita por Ziraldo, "Flicts", que foi aplaudida por uma platéia que ia dos sete aos 70 anos de idade.

3 — Sim, porque combinam a fantasia com informações sobre a Natureza, os povos e os sentimentos positivos da Humanidade. Fazem — não somente as crianças, mas também os adultos — ter uma percepção vívida dos reinos animal, vegetal e mineral enquanto se emocionam com a singeleza das histórias. São, pois, exemplares.

4 — A violência de Tom e Jerry é de mentira, dado que os danos físicos não perduram; por assim dizer caricaturam e desmoralizam a violência. Todavia qualquer modelo de herói violento é nocivo ao espectador de menor idade porque, pelo impulso natural, poderia querer imitar. Como válvula de escape, há as brincadeiras sadias, as competições esportivas, o judô, etc.

5 — Não vemos como a escola da violência a agressão possa evitar futuros traumas. A preparação de um caráter forte para os embates da realidade se faz com exemplos cristãos, estudo e exercício no cumprimento do dever. Infelizmente, porém, não há como evitar esse contato num mundo que se transformou em "aldeia eletrônica", onde todos sabem quase tudo ao mesmo tempo. A única solução para combatermos a densidade de informações maléficas é produzirmos, em contrapartida, em número sempre crescente, obras que contenham a comunicação de paz e amor, compreensão, trabalho, tolerância e cristianismo. Citamos a propósito a propaganda educativa do Governo Fe-



## ENQUETE

deral como, por exemplo, o Sujismundo.

6 — Os temas simples sobre o lado bom da vida, as figuras interessantes do folclore como Pedro Malazartes, a fantasia histórica introduzindo personagens como o Tibicuera, de Érico Veríssimo, ou o Macunaíma, de Mário de Andrade e o caboclinho Mitavaí, de M. Cavalcanti Proença, misturando genialmente, tradição, natureza, costumes brasileiros e histórias — tudo são opções. Uma epopéia sobre a construção da Transamazônica com os aspectos da selva e um enredo baseado nas peripécias de um garoto baiano e um animalzinho seu amigo — que sucesso faria entre a criançada! E a História do Brasil mesmo oferece inesgotáveis opções. **Independência ou Morte** é para todas as idades. E teriam o mesmo êxito os Bandeirantes, Pedro Álvares Cabral, Caramuru, Caxias, Santos Dumont — não tivéssemos uma História do Brasil tão rica em histórias. O que servir para a criança pela clareza e simplicidade empolgará o adulto também.

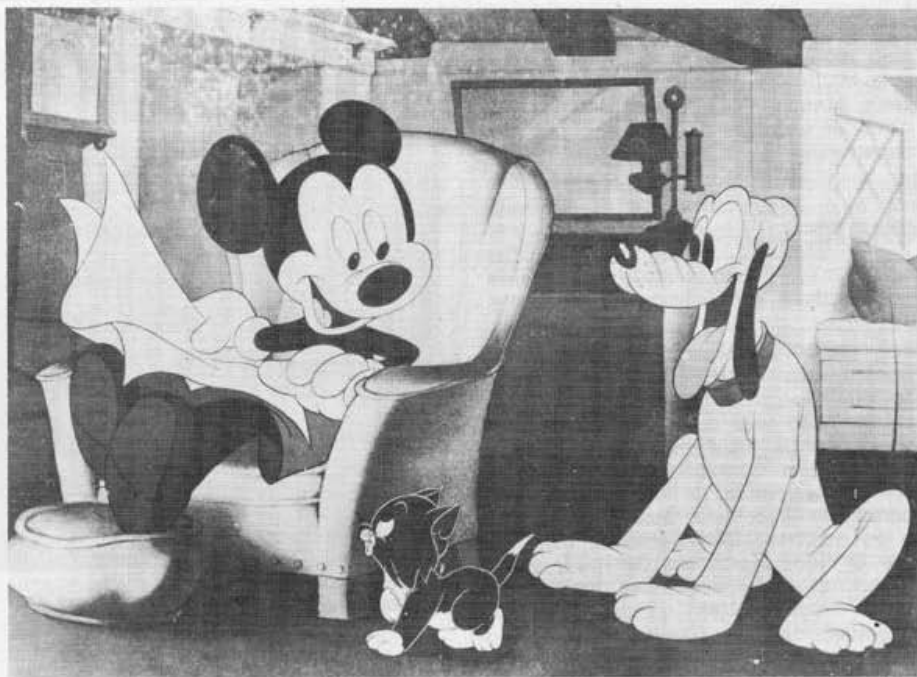
7 — Uma certa margem de investigação dada à inteligência do pequeno espectador não exclui a clareza da conclusão. Tem muito mais força impressiva na criança o que ela descobre por si mesma: passa a ser vivência dela, sua realidade.

8 — Não se pode pensar em termos de "linguagem para a criança". O assunto é que, dependendo do nível cultural necessário, pode gerar uma linguagem cinematográfica incompreensível e inadequada para as crianças. Não nos parece que haja uma linguagem cinematográfica especial para crianças e, sim, temas apropriados cujo entendimento se enquadra na capacidade de seus cérebros em formação. A partir destes temas, elaboraremos a sintaxe cinematográfica sem palavras, imagens ou movimentos confusos, esdrúxulos ou enfatizados. Substituíamos as cenas incapazes de comunicação clara e universal. Na oportunidade, lembramos a estréia de "Vila Sésamo" na TV Globo, que por certo será modelo de linguagem cinematográfica adulta para crianças.

### MARIA CLARA MACHADO

**Teatróloga, autora de histórias para crianças, Diretora do Teatro Tablado (GB)**

1 — A única maneira de encaminhar os jovens a filmes adequados é fazer filmes bons. O jovem tem de ser atraído pela qualidade. Um espetáculo bem



O camundongo Mickey e Pluto — cena de *Lend a Paw*, de Disney

feito é um estímulo inesgotável à sensibilidade da criança. Pois a emoção artística a leva a um mundo de fantasia e de sonho que corresponde ao que busca sua alma em desenvolvimento.

2 — Confesso não ter visto muitos filmes brasileiros dedicados ao público infantil ou adolescente, além dos que se basearam em peças minhas, como **Pluft**, **o Fantasmilha** e **A Dança das Bruxas**. Mas sei que **As Quatro Chaves Mágicas**, de Alberto Salvá, teve méritos.

3 — Os filmes de Walt Disney, que fizeram o encanto de minha adolescência, especialmente os de longa-metragem como **Bambi** e **Fantasia**, são maravilhosos. Mas é lógico que numa produção em massa como a dele há outros menos bons ou que nem sempre são bons. Apela para a violência excessiva, sem arte.

4 — Claro que a violência é necessária para a criança como válvula de escape. É preciso que ela jogue a violência, que por aventura tenha dentro de si, na arte. O cinema é feito para isso. Mas da maneira como é feito, mal feito, já deixa de ter um valor de catarse para se tornar uma coisa de mau gosto que excita a violência em vez de transformá-la. Não sou contra a violência; sou contra a violência mal feita, mal usada.

5 — É impossível evitar o contato da criança com a violência, pois a violência está na rua, no cinema, nas revistas, na vida. O pai, a mãe, a empregada, o cotidiano estão cheios de violências. É bom que a criança se acostume a ela, mas de maneira saudável, isto é, que se contrabalance a violên-

cia com muito amor. É importante que a violência seja uma válvula de escape, mas é importante também que ela seja dosada com amor. A vida é feita de conflitos, de contraste, e esse contraste precisa ser mostrado à criança, isto é, o amor, o ódio, a bondade, tudo tem de ser contrabalançado e sobretudo muito bem feito.

6 — Os bichos falantes, os filmes educativos, os contos de fadas são maravilhosos desde que sejam bem feitos. Lendas, dragões, fadas, cenouras que falam, tudo isso tem de ser transmitido à criança, mas de uma maneira bem feita. É claro que existem muitas opções. Já estão os filmes históricos, as imensas obras de arte, a literatura. A imaginação do artista está aí para criar uma infinidade de assuntos. O mundo do cosmos, a viagem à Lua, a ficção científica, tudo é material para se dar à criança. Mas os assuntos didáticos, se mal feitos, é que são terríveis, piores do que a violência.

7 — A inteligência da criança está sempre investigando. E mesmo diante de um filme com o Bem e o Mal explícitos, ela pode continuar investigando. A criança deve ter uma abertura para a criatividade. Vendo coisa boa ela é chamada a criar. E isso é que é importante.

8 — A verdade é que a linguagem dos adultos difere da linguagem da criança. É mais psicológica, mais difícil da criança entender. Mas isso não impede que ela entenda também filmes para adultos. Diante de um bom filme extraído, por exemplo, de peças de Shakespeare, como "Sonho de Uma Noite de Verão", ela entende uma parte e deixa a outra para entender quando crescer mais. A criança tem uma capacidade re-

lativa; adapta-se àquilo de que precisa. É claro que os filmes não devem incentivar temas que ela ainda não possa abordar. A criança não interessa um filme de Ingmar Bergman ou mesmo de Fellini, do qual ela sai mal-humorada. Filmes com excesso de sexo e de erotismo também não devem ser dados à criança, pois que ela ainda não está na hora de receber.

## PEDRO BLOCH

### Teatrólogo, jornalista, pediatra

1 — O jovem (criança e adolescente) está hoje em dia mergulhado num verdadeiro oceano verbal e da imagem. Vive a comunicação em seu sentido mais amplo. É atingido por ela de todas as maneiras. É praticamente impossível isolar a criança, colocá-la numa redoma. Ela é atraída por aquilo que lhe toca a sensibilidade. Seria ideal encontrar uma linguagem que lhe desse homeostase com o mundo em que vive, preparando-a para o mundo tecnológico, sem lhe tirar a infância, sem lhe ferir a adolescência. Está a criança vivendo a página mais sensacional da História do Homem. Sofre impactos tremendos. Eu diria que o lar e a escola deveriam moldar-lhe segurança e dar-lhe amor no sentido de poder se defrontar com o mundo tão cheio de interrogações, fome de acerto e contínuos imprevistos. Deve aprender a lidar com cada momento vivido. O lar, a escola, todos nós, deveríamos ajudar de alguma forma a criança a estruturar o seu mundo, a poder ver o mundo, querendo-o sempre melhor e sendo atraída naturalmente pelo que ele tivesse de mais benefício e positivo. O encaminhamento seria automático.

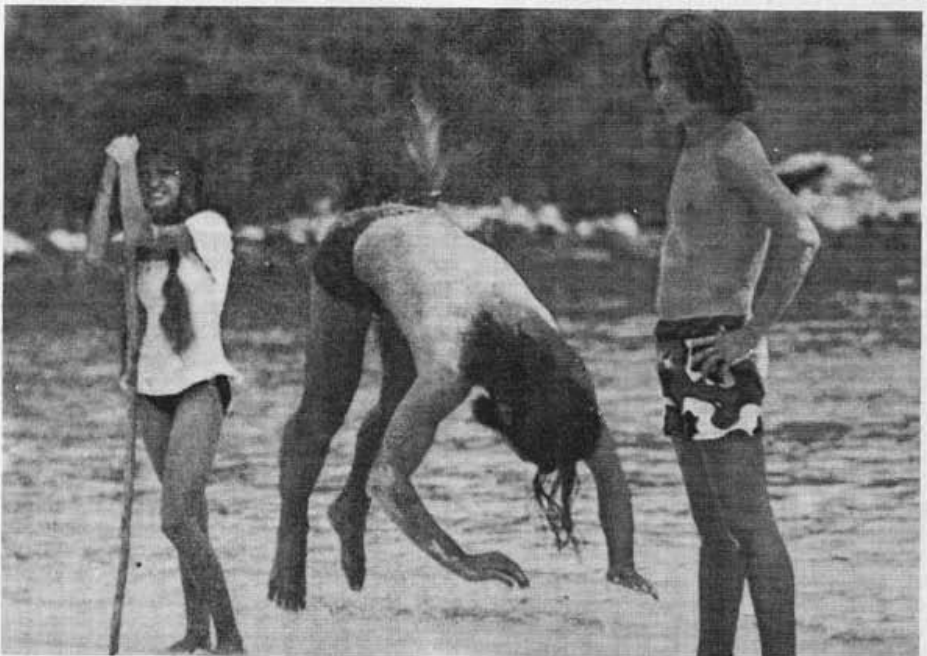
2 — O cinema brasileiro obviamente está lutando por afirmar-se cada vez mais, já tendo produzido coisas de real valor. A demanda dos filmes para a infância é considerável. Só que a criança, hoje em dia, de tanta coisa que vê na televisão, procura encontrar algo mais do que lhe apresentam geralmente. As histórias em que a criança se identifica com heróis tipo Batman ou Super-Homem lhe emprestam a segurança que busca, muitas vezes. O ideal seria que o menino se identificasse com o pai, cada vez melhor, e encontrasse sempre nele exemplo maior. A criança deve receber a mensagem do riso, da ternura e do amor, dentro de um mundo real, sem que isso perturbe a sua fantasia, tão necessária à evolução e ao equilíbrio.

3 — Os desenhos animados de longa-metragem e os tipos de filmes de Walt Disney trazem, na maioria das vezes, mensagem positiva para certa faixa etária. Há muito que fazer nesta área. O ideal seria o cinema educação-diversão. Não massacrar a criança com coisas de obrigação, mas dar-lhe o saber divertido, o conhecimento com arte, a informação com técnica atualizada, de

maneira que ela esteja sintonizada com a vida e com o mundo.

4 — A violência de Tom e Jerry serve de válvula de escape. A "briga" de irmãs é afirmação em crescimento; é o faz-de-conta de mocinho e bandido. É o desenvolver de potenciais. É a aferição de força e habilidade. O judô e os esportes praticados pela criança teriam a mesma finalidade de descarga da agressividade.

5 — Os traumas, pensamos, são muito mais resultado da vida da criança, desde antes de seu nascimento, sua formação e contato no primeiro ano de vida e sua posterior evolução dentro do esquema familiar, dentro da anatomia da família. Não é desejável que a criança cultive os filmes de violência, mas — sendo difícil evitar que isto ocorra, no cinema ou na vida — que ela soubesse, gradualmente, compreender que a violência não é caminho; crescendo verificará, se lhe forem dadas coordenadas adequadas, no lar e na escola, que o melhor caminho é o da verdade, da construção e da paz.



As Quatro Chaves Mágicas, de Alberto Salvá

6 — Sim. As opções seriam os filmes criativos das próprias crianças, que realizariam suas histórias, sob orientação, é claro.

7 — Claro que se deve deixar margem de investigação à Inteligência do pequeno espectador. O caminho da verdade é quase sempre o caminho do bem. A criança busca a sua verdade e a verdade que a cerca. Vê o mundo com os olhos que tem, de maneira cada vez mais lúcida, em função de sua maturação, evolução e ambiente.

8 — A linguagem utilizada dependerá muito do coloquial empregado. A criança de certa faixa etária compreende

mais o sentido que as palavras. Desde que não se sofisticasse essa linguagem, ela atingirá a criança dentro dos limites de suas possibilidades. As diversas etapas que ela atravessa lhe permitem ver cada vez mais ampla e completamente. Enquanto não alcança é preciso dar-lhe "chances" para esse progresso, não "descendo" à sua linguagem, mas fazendo-a ascender etapa por etapa a uma compreensão mais rica, um vocabulário mais amplo, uma integração maior, no sentido de aprender cada vez mais e melhor a viver e a conviver.

## RUY KREMER

### Professor, autor de livros didáticos, Diretor do Curso Kremer (GB)

1 — O problema é de difícil solução, pois a escolha, em última análise, estará sempre afeta ao arbítrio do jovem espectador. Se, de fato, se trata de encaminhar, ou seja, de estimular a fre-

quência aos filmes mais adequados, tal poderia ser parcialmente obtido através do devido esclarecimento daqueles que, primordialmente, poderiam interferir na escolha: a família e a escola. O órgão hábil para movimentar campanha desta natureza seria o próprio INC. Sem se pretender estipular uma censura paralela, os filmes que apresentassem as condições de adequação à determinada faixa etária, poderiam ser liberados com a conotação de "Particularmente Recomendável" ou outra de sentido semelhante. Não seria afastada, outrossim, a hipótese de o INC delegar poderes a especialistas ou críticos habilitados para a divulgação, através da imprensa, de observações neste sentido.



Os bonecos animados de Jiri Trika: na foto, O Arcanjo Gabriel e a Senhora Oca



O Fantástico Super-Homem, de Disney

2 — A resposta a este quesito está seriamente prejudicada por não termos visto, com raras exceções, filmes brasileiros no gênero. Os dois filmes assistidos não constituem amostragem suficiente para a emissão de um conceito honesto, embora um daqueles filmes nos tenha parecido bastante satisfatório.

3 — Embora longe de terem esgotado as possibilidades educativas e recreativas que o gênero oferece, parece-me nada haver sido produzido de melhor.

4 — Cremos que os elementos de sadismo que envolvem as relações entre os personagens de certos desenhos, de que são típicos exemplos os conhecidos Tom e Jerry, são nocivos aos espectadores de menor idade. Não podem servir de válvula de escape para impulsos de agressividade, dada a atitude passiva do espectador. A agressividade só poderá ser descarregada em brinquedos e atividades físicas apropriados, não diante de cenas que são injetadas no psiquismo infantil sem a contrapartida da competente descarga emotiva. As soluções de agressividade que são criadas nestes desenhos, envolvendo situações de incrível periculosidade, nas quais os protagonistas saem ilesos por ilusão mágica, sugerem a reprodução de atitudes quando apresentadas a crianças que não tenham a maturidade devida. A autocritica que tais desenhos impõem, não pode ser feita em determinados estágios de maturação.

5 — Cremos que seria altamente benéfico evitá-los. Afinal, estamos educando para a paz ou para a guerra? Será que, a pretexto de evitarmos traumas de etiologia extremamente duvidosa, teríamos que nos conformar com a generalização da violência? A pensar assim, estaríamos nos entregando, inermes, a um clima convulsivo que todos são unânimes em condenar, mas poucos somos eficientes em combater; a pensar

assim, seríamos levados à insólita conclusão de que, para criarmos cidadãos mentalmente sadios, ou seja, felizes, teríamos que lhes permitir o exercício da violência em benefício de seu equilíbrio.

6 — Não muitas. Os filmes de aventuras — sobretudo aqueles que nos ensinam a conviver com a natureza e a aprender com ela — constituem uma.

7 — Cremos que o confronto entre o Bem e o Mal deva ser constantemente explicitado, desde que o espectador seja induzido, ao longo do filme, a tomar posição a favor dos valores éticos positivos. A vitória do Bem exclusivamente em termos de "final feliz", não nos parece suficiente. Também não será solução, como é óbvio, escamotear a realidade, como se o Mal não existisse. O que se impõe é a apresentação do Bem em termos altamente positivos, de tal sorte que sua adoção ou prática se torne uma impulsão singular, natural e irreversível. Não se trata, finalmente, de se condenar simplesmente o Mal, mas de exercitar, a cada passo, a prática do Bem.

8 — A constatação deste fato não honra a indústria cinematográfica, cujo grande defeito de origem talvez seja o de ser indústria... A linguagem infantil, mesmo a visual, linguagem por excelência do cinema, é uma linguagem específica. Seria erro admitir que aquilo que é claro para um adulto também o seja para uma criança. Pestalozzi, Maria Montessori e Froebel, já no século passado, revolucionaram a educação ao criarem uma pedagogia em que a criança não era vista como "um adulto em ponto pequeno"; uma criança é uma criança, não um adulto em miniatura. Muitos problemas talvez sejam criados por não termos logrado êxito na busca de uma linguagem cinematográfica própria, sobretudo para o público de tenra idade. Caberia aos especialistas estabelecer em que termos tal linguagem seria colocada.

## ALBERTO SHATOVSKY

Jornalista, crítico de cinema da Rádio MEC, programador do Cinema 1 (GB)

1 — Antes de qualquer outra consideração é preciso reconhecer que a carência de filmes adequados à infância e à juventude é universal. O cinema, de uns anos para cá, atravessando as dificuldades que todos conhecem, tem se dirigido às platéias adultas, servindo-as de um produto não encontrável na TV. Foi uma escalada natural e a salvação do próprio cinema como arte e linguagem. O cinema perdeu quase toda sua inocência e ingenuidade, armas que, tempos atrás, proporcionavam o deleite das platéias menores também. Mas a infância e a juventude mudaram igualmente, sob um bombardeio inexorável de informações que põem rapidamente a criança e o jovem diante da vida. Quais, então, poderão ser os filmes adequados à sua sensibilidade? Certamente não serão os que antes exerciam um fascínio encantatório, embora a fantasia — não há por que não reconhecer — ainda seja o mundo idealizado da criança numa faixa etária situada entre os três e os sete anos. Veja-se o êxito, no Rio, de *Peau d'Âne* (Pele de Asno), visto e revisto com desusada curiosidade por esse público. Logo além dessa faixa, parece-nos que começa rapidamente a descoberta do mundo, da ciência, dos fenômenos da vida moderna, aumentando aceleradamente o grau de atenção da criança. Mas quando as histórias não são substanciadas nesse sentido, as crianças entre sete e 10 anos são cada vez mais sensíveis aos personagens dotados de habilidade física, valor, tenacidade. Quanto à comédia, principalmente a comédia eminentemente visual, esta representa uma válvula de escape válida. Até hoje a TV está cheia delas e é o que se vê de mais saudável, ou melhor, de menos deteriorante entre as muitas mazelas que dominam a tela pequena.

2 — São pouquíssimos os filmes brasileiros feitos para suprir essa faixa de idade. Incompreensivelmente, os produtores ainda não se deram conta de um público enorme a conquistar entre as crianças, responsáveis por alguns êxitos de bilheteria nos últimos anos, sem falar na série Roberto Carlos, tão freqüentada pela força do ídolo cantor, e das historinhas razoavelmente bem arumadas em torno dele, porém sem maior empenho criativo. A experiência de **O Meu Pé de Laranja Lima** foi boa. A de **Rua Descalça**, razoável. E a de **As Quatro Chaves Mágicas**, muito interessante.

Parece-me que se não teve maior repercussão foi porque faltaram ao cineasta recursos para compor um filme mais acabado, mais rico visualmente. No mais, os filmes de Mazzaropi nada acrescentam, nada significam, nada propõem, apenas interessam a uma platéia semi-alfabetizada.

Acho que o Governo deve financiar os bons projetos de filmes para crianças e encontrar um meio de garantir ao produtor uma possibilidade de "giro" de cinco anos, porque a bilheteria desses filmes depende das épocas escolares e eles voltam nos anos seguintes. São filmes com um potencial comercial



The Vanishing Prairie — da série "Maravilhas da Natureza", de Disney

grande, mas necessitando de tempo para que o investimento seja gratificado. Quais são os bons projetos de filmes para crianças? Busquemos autores novos, recorramos a algumas das peças de Maria Clara Machado, às historietas que Orígenes Lessa tem escrito para crianças, façamos concursos de roteiros de filmes para crianças, e surgirão muitas histórias boas, modernas, mais dentro do nosso tempo. É bom lembrar que o filme de conteúdo histórico — veja-se **Independência ou Morte** — é outro caminho eficiente a seguir. O filme de Massaini conquistou bom público infanto-juvenil.

3 — O cinema propriamente infantil de Disney (desenhos animados) sofreu também uma transformação. Os contos de fada foram deixados de lado, embora os filmes antigos estejam sempre voltando às telas. A equipe de Disney passou a admitir em seus "cartoons" temas um pouco mais adultos, embora os personagens não mudassem. Vide **The Aristocats** (Aristogatas). Creio que Disney entrou para a História com o seu passado, e sua equipe agora procura um

futuro. Os filmes com atores feitos por sua equipe trazem outro tipo de conflitos, com ação e aventura ao nível do gosto da criança. Não. lhes molesta a sensibilidade e a formação, mas também nada acrescentam. Falta-lhes senso crítico e uma visão mais real da vida (para o público entre os 10 e os 14 anos). É o passatempo comum e faz passar o tempo sem qualquer consequência. A nova estratégia de Walt Disney Productions é fazer entretenimento para as famílias, atingir todas as faixas de idade — dos oito aos 80. Seria uma tolice, hoje em dia, querer colocar o pai ao lado do filho, esperando que ambos sejam motivados emocionalmente pelas mesmas coisas. Convenhamos: um ou outro estaria fora de prumo. Onde as idades podem funcionar mais ou menos no mesmo diapasão é nos filmes documentários mais simplórios, que estão rarefeitos na produção Disney. Quanto aos filmes com atores, para a faixa dos 9/10 aos 12/13 anos, lembramo-nos de dois títulos bem razoáveis: **Pal Utcai Fiuk/The Boys of Paul Street** (Esta Rua é Nossa), filme húngaro baseado numa obra de Ferenc Molnar, e **La Guerre du Bouton** (A Guerra dos Botões). Na Europa Oriental (Tcheco-Eslováquia, Hungria, União So-

viética) há uma produção permanente de fitas adequadas à formação dos adolescentes, mas não tem despertado o interesse de nossos distribuidores.

4 — A moderna psicologia não condena a violência quando ela pode distender os impulsos de agressividade naturais. O tipo de violência visto na série Tom e Jerry não produz reação negativa, porque não vem acompanhado de situações desagradáveis ou repulsivas. O que prevalece para o pequeno espectador, no caso dos "pegas" entre o Gato e o Rato, ainda é o fascínio do movimento, da agilidade, da magia gráfica. Quanto ao significado dessas aventuras, o raciocínio simplista das crianças, de cinco a oito anos, se dirige à defesa do mais fraco: "Gosto dos filmes porque o ratinho sempre leva a melhor", dizem.

5 — A tensão ambiental é fornecida abertamente pela realidade cotidiana e informada pelos meios de comunicação, da TV principalmente, de maneira que a criança se põe em contato com as manifestações de violência, as

disputas nacionais e internacionais, as crises do nosso tempo. Ninguém mais é capaz de esconder o cotidiano, porque até os desajustamentos conjugais e as dificuldades econômicas são absorvidos pela criança dentro de casa. Esse contato é inevitável, mas poderá ser em parte neutralizado se fornecermos à criança educação e entretenimento compatíveis com o mundo que ela está vendo à sua frente.

6 — Os contos de fadas e os bichos falantes, dependendo do tratamento que se lhes dê, ainda são capazes de render bons filmes, desde que despertem a imaginação da criança. Demy acertou em **Peau d'Ane**, juntando encantamento, humor, curiosidade e alguns elementos que despertaram o espírito de observação (a cor em mutação de acordo com diferentes comportamentos do conto de Perrault). Mas acho que a infância caminha para uma "outra", isto é, para o mundo moderno, próximo ao seu, tomando contato com a realidade que a cerca. Os filmes sobre aventuras de pequenos heróis devem sugerir que também há aspectos menos agradáveis na vida (a pobreza, a inibição, a falta de carinho) e que tudo pode ser superado com uma dose de trabalho, otimismo, amizade. E que também pode não ser superado... Nesse sentido há um respeitável repertório feito na Europa, que não tem chegado até nós. Mas nós os podemos fazer aqui, também. Entre nós, Monteiro Lobato continua dando margem a muita coisa e há a opção de modernizar livremente algumas de suas histórias. O documentário também é sempre um gênero que deve ser acionado.

7 — A partir dos 10 anos, a criança hoje tende a duvidar da vitória "inevitável" (e fabricada) do Bem sobre o Mal. Os inqualificáveis Batman e Robin são eternos vencedores, no cinema e na TV, sobre os representantes do Mal, geralmente tipos mal-encarados (antipáticos) e completamente fora da realidade. Assim como os fabricantes de brinquedos, os fabricantes de filmes insistem em entregar à imaginação da infância personagens e objetos que se distanciam da objetividade e da razão, da vida e das emoções que as cercam no dia-a-dia. O pequeno espectador precisa ser induzido a raciocinar, a viver ele próprio as experiências dos personagens como se pudessem ser as suas próprias, a investigar e a aprender a tirar as suas conclusões. O Bem e o Mal não devem aparecer assim tão facilmente caracterizáveis. É melhor que se dê ao público infantil elementos para o seu próprio julgamento.

8 — A questão da linguagem é a que menos importa dentro desta importante "enquete". A fluência, a elegância visual, a boa dosagem rítmica, o apelo de elementos convincentes (sem que necessariamente exijam nomes conhecidos) compõem uma receita que não tem segredo para os bons cineastas. O que se deve ter em conta, no caso do cinema para a criança e a adolescência, é o conteúdo. Esta deve ser a nossa constante preocupação.